

DINÂMICA ECONÔMICA-SOCIAL E ECOLÓGICA-CULTURAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS EM SANTANA DO LIVRAMENTO, RS, BRASIL

Mitali Daian Alves Maciel¹
Alessandra Troian²
Joélio Farias Maia³

Resumo: O estudo visa analisar a sustentabilidade na agricultura familiar agroecológica de Santana do Livramento. A pesquisa se classifica como qualitativa, caráter exploratório e descritivo e método de estudo de caso. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas e observação não participante a nove agricultores familiares agroecológicos e o tratamento dos dados se deu pela análise de conteúdo. Os resultados indicam que, economicamente, a atividade sustenta e gera novos investimentos na produção; Social e culturalmente, há promoção da segurança alimentar e trocas de saberes; ecologicamente, tem-se a preocupação com o solo, água e matas nativas. Em suma, as ações têm a potencialidade de promover um desenvolvimento mais harmonioso e sustentável.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Agrobiodiversidade. Reprodução social.

ECONOMIC-SOCIAL AND ECOLOGICAL-CULTURAL DYNAMICS OF AGROECOLOGICAL FAMILY FARMERS IN SANTANA DO LIVRAMENTO, RS, BRAZIL

Abstract: The study aims to analyze sustainability in agroecological family farming in Santana do Livramento. The research is classified as qualitative, exploratory and descriptive, with a case study method. Data was collected through semi-structured interviews and non-participant observation with nine agroecological family farmers, and the data was processed using content analysis. The results indicate that, economically, the activity sustains and generates new investments in production; socially and culturally, there is promotion of food security and exchanges of knowledge; ecologically, there is concern for the soil, water and native forests. In short, the actions have the potential to promote more harmonious and sustainable development.

Keywords: Sustainability. Agrobiodiversity. Social reproduction.

DINÁMICA ECONÓMICO-SOCIAL Y ECOLÓGICO-CULTURAL DE LOS AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS DE SANTANA DO LIVRAMENTO, RS, BRASIL

Resumen: El estudio tiene como objetivo analizar la sostenibilidad en la agricultura familiar agroecológica en Santana do Livramento/RS. La investigación es de naturaleza cualitativa, exploratoria y descriptiva, con método de estudio de caso. Los datos se recogieron mediante entrevistas semiestruturadas y observación no participante con nueve agricultores familiares agroecológicos, y se procesaron

¹ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, Brasil, mitali.maciel@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6639-3922>

² Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, Brasil, alessandratroian@unipampa.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-8207-6436>

³ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil, maia.joelio@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3616-7630>

mediante análisis de contenido. Los resultados indican que, económicamente, la actividad sostiene y genera nuevas inversiones en la producción; social y culturalmente, hay promoción de la seguridad alimentaria e intercambio de conocimientos; ecológicamente, hay preocupación con el suelo, el agua y los bosques nativos. En resumen, las acciones tienen el potencial de promover un desarrollo más armonioso y sostenible.

Palabras clave: Sostenibilidad. Agrobiodiversidad. Reproducción social.

Introdução

As primeiras noções sobre desenvolvimento sustentável emergiram da ineficiência do modelo de desenvolvimento como crescimento. Até os anos 1970, o desenvolvimento era focado em aspectos econômicos, a partir com uso intensivo de recursos naturais não renováveis, os quais provocaram crises ambientais (Pasqualotto; Kaufmann; Wizniewsky, 2019). Assim, tornaram-se necessários novos enfoques que respeitassem o meio ambiente, fossem socialmente desejáveis, politicamente aceitáveis e economicamente viáveis (Sachs, 2002), consistindo na transformação progressiva da economia e da sociedade, visando aumentar o potencial produtivo, assegurando formas de igualdade e oportunidades (Costabeber; Caporal, 2003).

A partir da noção de desenvolvimento sustentável, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) adotou o pacto da Agenda 2030, buscando alinhar objetivos em busca da sustentabilidade. O plano de ação global dispõe de 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e suas 169 metas, que se relacionam com as prioridades da humanidade e do planeta. Como resultado, os esforços de organismos internacionais evidenciam a emergência do estabelecimento de modelos de agricultura sustentável (Maciel; Troian, 2022).

No contexto de agricultura sustentável, insere-se a agroecologia. Mediante uma abordagem integradora, ela une princípios agronômicos, ecológicos, socioeconômicos, culturais e éticos na produção de alimentos, em que a multidimensionalidade é reflexo do todo (Altieri, 2000). A agroecologia atua considerando as práticas agrícolas ambientalmente saudáveis e os movimentos sociais pela segurança e soberania alimentar (Helenius; Wezel; Francis, 2019). Por

sua vez, os preceitos da agroecologia podem ser observados na agricultura familiar de acordo com seu ambiente de reprodução, a partir da utilização dos recursos disponíveis e dos fatores socioeconômicos, culturais e políticos, que são balizadores da categoria social (Altieri, 2000).

A agricultura familiar é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Tem-se na categorial social a potencialidade de cumprir um papel estratégico na produção de alimentos direcionados ao consumo da população, a partir da legitimação social e política (Wanderley, 2003). Dentre os papéis cabíveis à agricultura familiar, inclui-se processos de resiliência econômica, ecológica e social das comunidades rurais, geração de empregos e renda, emancipação de parcelas oprimidas e manutenção dos recursos naturais, das paisagens e da biodiversidade (Ploeg, 2014).

Pragmaticamente, como mencionado, a construção da sustentabilidade ultrapassa as questões ambientais. Para Sachs (2002), existem oito dimensões para a sustentabilidade, sendo elas: ambiental, econômica, social, ecológica, cultural, territorial, política nacional e internacional. O presente estudo adotou uma adaptação das dimensões da sustentabilidade inspiradas no autor, que é avaliada através das dimensões: econômica, social, cultural e ecológica. Na dimensão econômica, observa-se a organização e manutenção econômica, ganhos ou custos extras, a partir do desenvolvimento da produção, capacidade de investimentos na produção e acesso a financiamentos.

Na dimensão social, destacam-se aspectos como a segurança alimentar (manutenção do fluxo de produção e entrega contínua de alimentos, respeito à sazonalidade, qualidade, diversificação e preços acessíveis). Igualdade social, relacionadas aos direitos e deveres das mulheres e dos jovens e às necessidades básicas. Além de satisfação pessoal e qualidade de vida. Na dimensão cultural, remete-se ao fortalecimento dos saberes individuais e locais, valorização dos conhecimentos e da cultura, as relações sociais e troca de saberes, o reconhecimento da história, tradição e identidade, assim como o equilíbrio entre a tradição dos costumes e a promoção da inovação. E, por fim, na dimensão ecológica, atenta-se

para a preservação do capital natural na produção (redução do volume de resíduos e com a poluição gerada através da produção e a conservação da paisagem natural e mata nativa), a adição de agroquímicos e insumos externos na agricultura, assim como a manutenção e conservação dos ecossistemas e da biodiversidade.

Nesta pesquisa, a dimensão ambiental está englobada na dimensão ecológica, uma vez que ela representa um mecanismo de ação, conduta, comportamento frente à preservação dos recursos naturais, da biodiversidade e dos ecossistemas. Parte-se do pressuposto que o ambiente é o objeto em estudo e as atitudes ecológicas são o movimento, a prática, o “fazer acontecer”. Diante do contexto apresentado, o estudo visa analisar a sustentabilidade na agricultura familiar agroecológica de Santana do Livramento/RS⁴. O município situa-se no Pampa Gaúcho, um dos Biomas mais degradados nos últimos anos, principalmente pela produção agrícola em escala industrial. O paradigma sob o modelo convencional de agricultura demonstra ser insustentável, uma vez que se baseia na dependência intensa de combustíveis fósseis e pela retirada do domínio dos agricultores, especialmente no que se refere à produção de alimentos (Beling, Cancelier; Flores, 2022).

Conforme Silva e Sacco dos Anjos (2020), nos últimos dez anos, constatou-se, município de Jaguarão, no extremo sul do Brasil, a exemplo do que ocorre em outras localidades pertencentes ao Bioma Pampa, uma transformação importante do ponto de vista social, paisagístico e ambiental. Ela está relacionada aos efeitos produzidos pela expansão da área cultivada de soja, fato que supôs a conversão de aproximadamente 37 mil hectares, predominantemente de pastos nativos, em áreas dedicadas à cultura. Observa-se o aumento de 27,2% na área desmatada de 2021 para 2022, no Pampa Gaúcho. A conversão das terras do bioma Pampa, aliada a outros fatores climáticos desordenados, têm contribuído para as mudanças no clima e para o aquecimento global (Mapbiomas, 2023).

Metodologia

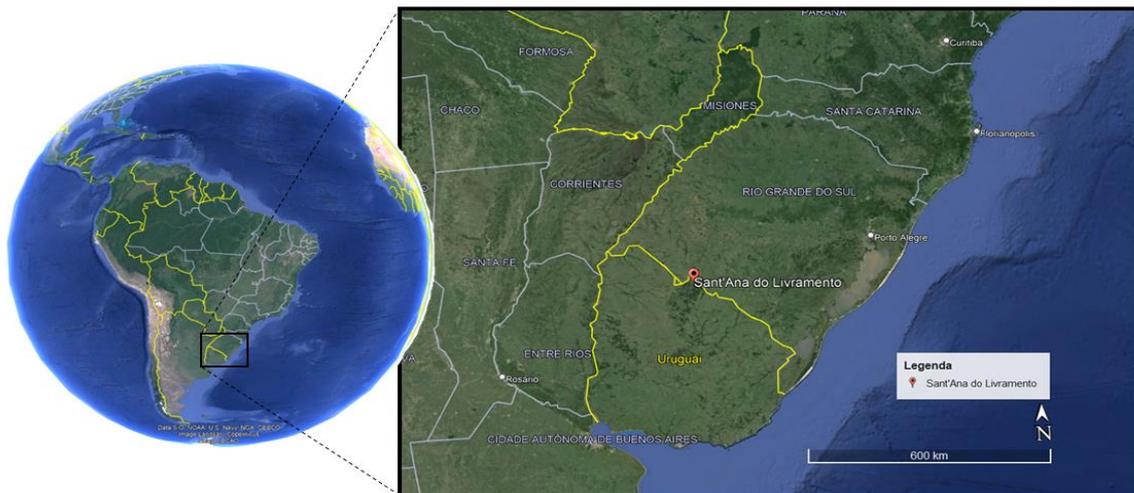
A pesquisa possui abordagem qualitativa, caracteriza-se pelo caráter exploratório e descritivo, e método de estudo de caso. Os agricultores familiares agroecológicos participantes do estudo constituem um grupo social antagônico à agricultura moderna hegemônica, caracterizada pela monocultura com a utilização de

⁴ O estudo contém resultados parciais da pesquisa de mestrado da primeira autora. Ela foi realizada no âmbito do Círculo de Estudos em Desenvolvimento e Ruralidades (CEDER)/CNPq.

pacotes tecnológicos baseados no intensivo uso de insumos externos como agrotóxicos, fertilizantes e pesticidas (Maciel; Troian; Breitenbach, 2023).

Economicamente, Santana do Livramento tem como eixo o comércio, as atividades agropecuárias, em especial as culturas do arroz e da soja e, mais contemporaneamente, a produção frutífera com destaque para a vitivinicultura e olivicultura (FEE, 2018). O município se localiza na Campanha Gaúcha (Figura 01), onde há predomínio de propriedades rurais de grande porte, monocultivos, especialização e homogeneização dos sistemas agrícolas. Todavia, unidades de produção familiares estão estabelecidas na região desde meados do século XVIII (Ferron; Troian, 2020). Ainda assim, a agricultura familiar é desafiada por infraestrutura precária, baixos incentivos locais e dependência de políticas de transferência de renda (Ferron; Troian; Breitenbach, 2021).

Figura 01- Localização geográfica de Santana do Livramento/RS-Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores (2024), a partir do software *Google Earth Pro*.

A coleta de dados utilizou entrevistas semiestruturadas e observação não participante. Os roteiros levaram em consideração quatro, das oito dimensões da sustentabilidade de Sachs (2002): a) econômica; b) social; c) cultural; e d) ecológica. As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022.

A escolha dos entrevistados ocorreu pela técnica de bola de neve (Vinuto, 2014), isto é, utilizaram-se respondentes iniciais, como informantes-chave, para

identificar e indicar outros participantes com o perfil do estudo. Foram efetuadas nove entrevistas com agricultores familiares agroecológicos. A observação não participante foi realizada nas unidades de produção familiares e no local de comercialização de duas agricultoras, visando observar suas práticas diárias, seu ambiente produtivo e os meios de reprodução social.

A delimitação do número de entrevistas ocorreu pelo critério de saturação, quando os dados apresentaram sinais de exaustão (Fontanella; Ricas; Turato, 2008). Na coleta de dados empíricos constatou-se que há apenas dois produtores orgânicos com cadastro ativo na base de dados do Ministério da Agricultura e Pecuária, ambos vinculados ao Organismo de Controle Social (OCS), denominado Agroecologia, Pampa, Terra e Fronteira dos Agricultores Familiares de Santana do Livramento (MAPA, 2024). Assim, considera-se ter chegado próximo à totalidade de agricultores familiares agroecológicos do município na presente pesquisa.

O tratamento dos dados se deu pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), em que se geraram categorias, a partir de padrões que emergiram de conteúdos similares entre as entrevistas e as observações. Para preservar a identidade dos participantes foi usado AF e a ordem de realização das entrevistas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa, sob o número de registro CAAE 50839221.2.0000.5323.

A sustentabilidade da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento/RS

Os principais traços definidores dos participantes do estudo são: preponderância do sexo feminino, idade entre 30 e 72 anos, predomínio de formação em nível superior, naturalidade santanense e núcleo familiar composto, em sua maioria, por dois integrantes. Cinco das nove unidades de produção familiares se localizam no meio rural do município, com área de plantio variando entre um e 33 hectares e são proprietários da unidade de produção. Dois agricultores possuem a certificação social através da OCS⁵, formalizada em 2015. Entre os alimentos produzidos, destacam-se: alface, abóbora, couve, mandioca, rúcula, batata doce e demais hortaliças, legumes e frutas da estação.

⁵Mecanismo participativo de legalização da produção orgânica. Concede atestado de cadastro de produtor orgânico, por meio de registro realizado junto ao Ministério da Agricultura, junto à relação geral do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos com o direito de comercializar produtos orgânicos.

A análise da dinâmica de sustentabilidade na agricultura familiar agroecológica no município inicia pela **dimensão econômica** e se busca conhecer a *organização e manutenção econômica* dos agricultores. Para sete dos nove entrevistados não há cultivo mais importante economicamente, dado que todos são rentáveis pela diversidade empregada. O panorama pode ser observado na fala: “*Não tem, tudo vende bem. É que ao longo do ano varia e como a gente tem uma diversidade grande, então, mais ou menos compete*” (AF 01). Dois agricultores destacaram cultivos específicos, um entrevistado citou a alface e outro, mencionou a mandioca e o feijão miúdo. Ademais, sete dos nove entrevistados possuem outra fonte de renda, além da produção agroecológica, com destaque para a aposentadoria.

A renda obtida através da produção agroecológica é organizada mediante *controle de custos* da unidade de produção. Sete dos nove entrevistados fazem o controle de custos da unidade produtiva e dois não têm controle. A perspectiva dos sete entrevistados pode ser visualizada no relato: “*Sim, a gente tem custo de caixa. Primeiro eu anoto tudo a mão, depois passo pro Excel, eu sou do tempo do papelzinho ainda [risos]*” (AF 04).

Os dois agricultores que não realizam o controle de custos relataram que, no início da produção, tinham maior controle de despesas, contudo com o passar do tempo, conseguem gerenciar satisfatoriamente a unidade de produção sem precisar fazer um controle mais detalhado de custos. “*Antes eu controlava tudo, mas agora dá para guardar de cabeça, a gente que planta como eu planto aqui, tenho o controle, mas não tenho nada tomado nota do que eu faço por semana ou por mês*” (AF 06).

Entre os sete entrevistados que fazem o controle de custos, quatro o fazem de forma manual, através de anotações em caderno, conforme expõe a agricultora: “*Tenho tudo anotado, eu anoto porque eu tenho um controle semanal do que eu gasto e do que eu recebo, faço os cálculos e o controle num caderno*” (AF 09). Dois entrevistados realizam o controle de custos com auxílio de planilha eletrônica, na qual são criadas fórmulas que facilitam os lançamentos de valores na planilha, tanto de despesas como de rendimentos: “*Sempre tive essa preocupação financeira, desde que a gente começou as vendas, fiz uma tabela no Excel com todas as compras de início, a gente tem tudo anotado, como compra de adubo, compra de sementes,*

compra de mudas, mensalmente a gente faz e lança as vendas também” (AF 02). Uma entrevistada usa o site que comercializa os seus produtos como um meio de controle de custos. O site possui uma página que ela como administradora consegue visualizar as informações sobre as vendas.

A gestão e o controle de custos em empreendimentos rurais familiares se tornam elementos importantes para o desenvolvimento da produção, ao viabilizar o crescimento e a organização das funções administrativas e produtivas. Possibilita que agricultores consigam realizar a gestão do negócio, definindo os custos e os ganhos, podendo formular o preço de venda adequado, auxiliando-os no planejamento e na tomada de decisão. É uma ferramenta em potencial, que pode ser explorada na aplicação da gestão de custos mais aprimorada das famílias, ao passo que, com maior organização e controle financeiro, podem vir a ter maior retorno financeiro (Fonseca, 2018).

Questionados se ser *“diferente do convencional” implica em algum ganho ou custo extra, financeiro e/ou de valores*. Oito dos nove entrevistados relataram ter o diferencial por produzirem de maneira agroecológica como um ganho, que se vincula à maior saúde e a qualidade de vida para si, suas famílias e para os consumidores. Uma entrevistada relatou que ser diferente traz ganhos pela capacidade de se manter no mercado e, ao mesmo tempo, provoca perdas, porque afasta os clientes menos arrojados que não têm o hábito de consumir de maneira orgânica.

Entre o grupo dos oito entrevistados que associaram o diferencial como um ganho, citaram também o retorno econômico, dado que os agricultores se reproduzem com menores custos de produção, por reaproveitarem os insumos.

Primeiro é a saúde, a nossa saúde, da minha família e dos nossos consumidores, não tem preço esse tipo de coisa, pra quem recebe em casa e pra gente que se alimenta é só benefício [...] produzir um alimento saudável em quantidade, poder comercializar, acho que a gente conseguiu manter os clientes por causa desse diferencial. A gente leva quase a zero nosso custo de produção, a mão de obra é grandíssima, é tudo sistema manual, o custo é barato, porque praticamente tu usa o teu insumo ou insumo de vizinhos, não se compra quase nada, a não ser a muda e a semente, quando precisa (AF 02).

Já para uma entrevistada ser “*diferente do convencional*” gera ganhos e provoca perdas. De acordo com ela, o fato causa duas situações nos consumidores, a curiosidade ou o rechaço, relatando que tem consumidores que se arriscam mais para conhecer o negócio, assim como há aqueles que não se interessam pelo novo, porque há uma barreira cultural.

O diferente, falando administrativamente, é uma fortaleza, é uma capacidade de se manter no mercado de forma a desafiar os outros que fazem iguais a nós. Quando nos alcançam a gente passa pra outra diferenciação. Por outro lado, também a diferença pode causar estranheza nas pessoas e numa sociedade onde a cultura ainda é muito conservadora, as pessoas podem dizer: “ah isso é modinha”, “tão inventando coisa, daqui a pouco vão sumir”. Isso tem um custo pro negócio, a pessoa deixa de sequer nos conhecer por uma barreira cultural, ela não se aproxima (AF 07).

Em relação à *capacidade de investimentos na unidade de produção*, os entrevistados foram perguntados se, a partir do rendimento proveniente da comercialização de alimentos, conseguem realizar novos investimentos. Oito dos nove entrevistados relataram que realizam investimentos por meio dos rendimentos oriundos da comercialização de alimentos: “*Sim, a gente tem investido bastante, praticamente tudo que entra é pra pagar os custos e o resto a gente reinveste, seja nas estufas, nas hortas, tá sempre investindo*” (AF 01). E um entrevistado informou que busca investir na produção para conservar o seu bom andamento, mas como arrenda a propriedade onde ocorre a produção, os investimentos são limitados.

Os entrevistados foram questionados sobre o *acesso a financiamentos*, por meio de instituições financeiras para custeio e/ou investimento. Dos nove entrevistados, quatro já realizaram financiamentos, mas atualmente têm evitado fazer qualquer tipo de operação de crédito. O grupo dos quatro agricultores que já acessaram financiamentos relatou que fizeram financiamentos ao longo do tempo, mas optam por trabalhar dentro das suas possibilidades e com os próprios recursos. Além disso, destacaram que está cada vez mais difícil acessar linhas de créditos para agricultores familiares. O relato da agricultora ilustra o cenário: “*Hoje não mais, mas nós já tivemos PRONAF A, PRONAF B, PRONAF C, pra implantação do assentamento, foram todos projetos que nós ao longo do tempo fomos conquistando*”

[...] mas hoje em dia tá muito difícil, tem o recurso e não se consegue pegar mesmo assim” (AF 03).

Outros quatro agricultores relataram ter linhas de créditos disponíveis, porém não conseguem acessar por burocracia da política pública que concede financiamento e dos bancos, conforme menciona a agricultora: “Nunca peguei, até tentei fazer um financiamento no banco, eu pensava em usar esse dinheiro aqui na chácara, fiz toda a documentação, mas eles negaram, fui no banco, esperei e eu digo, muito obrigada pela boa vontade de vocês” (Entrevistada AF 09). E uma entrevistada destacou que, possui acesso a linhas de créditos, sendo que já efetuou pequenos financiamentos, ao longo do tempo, quando precisou.

De acordo com Scapin (2021), por muito tempo, os agricultores familiares ficaram às margens dos programas de apoio à agricultura, principalmente em relação ao crédito rural. Os agricultores disputavam crédito com médios e grandes produtores, com elevadas taxas de juros e que não tinham o propósito de fomentar a categoria social. Após lutas e reivindicações foi criado o PRONAF como uma política de crédito rural para atender os agricultores familiares, um marco no reconhecimento da agricultura familiar.

Devido à diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar é necessário que existam políticas públicas específicas, que atendam às verdadeiras necessidades dos agricultores. É oportuno reconhecer que o incentivo advindo de políticas públicas voltadas aos agricultores familiares, como o PRONAF Agroecologia, orientado para o financiamento de projetos de investimento em sistemas de produção agroecológicos. Em conjunto com outras políticas públicas, pode contribuir para que agricultores familiares criem estratégias e participem de experiências de desenvolvimento rural sustentáveis, pautadas nos princípios da agroecologia (Schneider et al., 2020).

Em relação à **dimensão social**, os questionamentos preliminares se vincularam a aspectos de *segurança alimentar*. Os entrevistados foram perguntados se conseguem *manter o fluxo de produção* que garanta entrega contínua de alimentos, respeitando a sazonalidade. Dos nove entrevistados, oito relataram que são capazes de manter o fluxo de produção e a estratégia adotada relaciona-se a produzir

alimentos conforme a época do ano, isto é, ofertam o que o clima da região e a estação do ano permitem:

A natureza te obriga a isso [risos], chega na época de geada, morrem todas as plantas de verão, não tem como plantar. No inverno por mais que tenha estufa, nosso clima aqui é bem típico. Daí, ofertamos o que dá na época. Mas tem um pessoal que não se dá conta, tem gente que quer tomate gaúcho inverno e verão, daí eu digo: não dá! (Entrevistado AF 02).

Para uma agricultora nem sempre é possível garantir a entrega contínua de alimentos em razão de que ao longo do ano enfrenta adversidades climáticas, como geadas e secas, e, eventualmente, doenças nos cultivos. Logo, esses fatores tendem a impedir a manutenção do fluxo de produção.

Nem sempre, porque como eu trabalho com produto totalmente orgânico, combato às pragas, às doenças tudo com programas orgânicos. Quando alguma praga ataca, perco a produção daquele canteiro. Tipo agora, nem foi uma praga, simplesmente floresceu todas as couves ao mesmo tempo, daí não tem folha, só tem a flor, esse tipo de adversidade tu enfrenta, enfrenta a seca, chuva de pedra, chuva demais, chuva de menos (AF 03).

Os alimentos sazonais são cultivados e colhidos naturalmente na época do ano mais propícia para a sua produção, conforme as necessidades de clima, condições de solo e luz. Os alimentos são colhidos no tempo certo, o que proporciona mais sabor e maior concentração de nutrientes, além de dispensar os agrotóxicos e estimulantes. A produção agroecológica, regularmente, observa a sazonalidade dos alimentos, além disso, quando se consome o alimento da estação, está-se ingerindo o alimento em todo o seu potencial (Amaral et al., 2021).

Questionados se acreditam que produzem *alimentos de qualidade, diversificados e com preços acessíveis*, sete dos nove entrevistados disseram que procuram atender os três atributos ao longo do processo produtivo e duas entrevistadas relataram que manter a diversidade é um obstáculo vivenciado na unidade de produção. O grupo de entrevistados destacou que, sem dúvidas, produzem alimentos com qualidade nutricional, com preços acessíveis e, por mais que seja um produto diferenciado, buscam manter a diversificação.

Para isso, recorrem a parcerias com outros agricultores do município para melhorar a variedade na oferta de alimentos: “*Com certeza são alimentos de qualidade e com preço acessível, sempre que possível a gente tenta atender esses requisitos, por isso nós, desde o início, temos as parcerias pra diversificar a oferta*” (AF 04). Já duas entrevistadas relataram que manter a diversidade produtiva é um entrave vivenciado. Além disso, destacaram que a mão de obra é um fator essencial para a conservação da diversidade dos alimentos produzidos:

De qualidade com certeza, diversificado nem tanto quanto eu gostaria, mas é o que eu consigo fazer hoje em dia. A diversidade que tenho hoje em dia é o que as pernas e os braços das pessoas que trabalham aqui conseguem fazer. E, ao mesmo tempo, a diversidade está associada ao clima, à região. Então eu gostaria de plantar algumas coisas que não consigo aqui, por causa do clima. A gente tem diversidade dentro do que a gente consegue produzir e sobre o preço, acho que a gente tem um preço justo (AF 07).

A forma como se organiza a produção agroalimentar reflete as opções de desenvolvimento do país (ou região), bem como determina as condições em que os alimentos são ofertados à população em termos de disponibilidade, qualidade e preço. Nesse sentido, os agricultores familiares precisam se capacitar para atenderem às novas exigências colocadas pela comercialização em termos da qualidade e diversificação. Para isso, uma estratégia possível se relaciona à produção de alimentos sazonais, com características naturais, alta concentração de nutrientes e sabor e, por serem produzidos no momento oportuno, apresentam preços mais acessíveis (Pozzebon; Rambo; Gazolla, 2018).

No que se refere à *igualdade social*, os entrevistados foram perguntados se, no âmbito da produção familiar, os *direitos e deveres das mulheres e dos jovens* são respeitados. Os entrevistados garantem que as decisões em relação à unidade produtiva são tomadas em comum, respeitando as opiniões dos membros familiares, com isso as relações intrafamiliares são potencializadas.

Sim, a produção agroecológica ela envolve mais as famílias inteiras, até mesmo pela necessidade da mão de obra, os jovens também gostam da lida, de tá cuidando dos bichos ou arrumando os produtos pra vender, pra comercializar. E isso não se torna um trabalho, se torna uma brincadeira.

Minha filha tem doze anos e me ajuda na arrumação da feira, amarra os temperos, as couves, dá ideias, é um trabalho em conjunto (AF 03).

A partir do sistema agroecológico de produção há uma redefinição da posição da mulher na agricultura, ao viabilizar a sua emancipação e abrir espaços para que elas atuem como sujeito ativo na transformação social em busca da sustentabilidade. Assim, ao ter voz para a tomada de decisão e ao participar de todas as etapas do processo produtivo, a mulher se torna essencial na agroecologia (Siliprandi, 2015).

As maiores dificuldades relacionadas às *necessidades básicas e/ou condições de infraestrutura* vivenciada pela família, para quatro dos nove entrevistados, são as estradas. A situação das estradas como a maior dificuldade vivenciada, pode ser visualizada na fala: *“De longe, as estradas. São péssimas, muito buracos. Eu penso assim, na campanha, a primeira coisa que um agricultor precisa é a estrada, não adianta”* (AF 05). Dois entrevistados relacionaram as dificuldades à recorrente falta de energia elétrica na unidade de produção, conforme o relato: *“A luz é um problema aqui, sempre quando dá temporal coisa assim, falta luz. Falta muita luz, qualquer chuva, a gente fica sem e já chegamos a ficar uma semana sem”* (AF 03).

Para outros dois, vincula-se ao elevado preço da gasolina. Os entrevistados destacaram que o preço dos combustíveis é uma variável importante para a produção e a comercialização. O combustível é utilizado no veículo para as entregas e no gerador de energia da unidade de produção: *“Nós temos gerador a base de gasolina pra puxar água, no verão pega forte o calor, então tem que ter água e o custo da gasolina é um problema e mais para as entregas”* (AF 04). Por fim, uma entrevistada não elencou nenhuma dificuldade vivenciada, na atualidade.

Os agricultores agroecológicos desenvolvem suas práticas de acordo com as possibilidades que lhe são apresentadas, dos benefícios de que dispõem e das fragilidades do sistema. Eles convivem com problemas de infraestrutura básica, que prejudicam a manutenção da produção. Entretanto, persistem na atividade, na produção sustentável e que acreditam na agroecologia como uma forma de transformar suas realidades e o ambiente (Fernandes et al., 2021).

No tocante à *satisfação das necessidades sociais/qualidade de vida*, os agricultores foram perguntados se, se sentem satisfeitos com a vida que levam, com

a forma de produção e comercialização realizada. Oito dos nove entrevistados disseram que estão satisfeitos, inclusive com a forma de produção e comercialização: *“Ah, sim! Muito! Graças a Deus, adoro fazer isso, ter a minha produção e vender pros meus clientes. Eu só vivo se eu tiver satisfeita, se não, não [risos], eu tenho que estar satisfeita”* (AF 09).

Por outro lado, uma agricultora se mostrou descontente mencionando que gostaria de ter maior remuneração e valorização da produção para a satisfação ser completa: *“Eu acho que nós deveríamos ter um pouco mais de dinheiro, pra poder viajar mais, sair mais e ter uma estrada decente pra ti conseguir transitar mais, pra poder sair, porque nós ficamos muito ali dentro de casa”* (AF 03).

Os agricultores foram indagados sobre melhorias ao optarem pela produção agroecológica. Os nove entrevistados se manifestaram positivamente ao destacarem que ganharam saúde por serem produtores agroecológicos. Apontaram que a alimentação é a base da saúde humana. Em razão disso, mencionaram que raramente ficam doentes e necessitam ir ao médico:

Não abro mão de comer bem, de me alimentar. Eu tô com sessenta e cinco anos, fiz meus exames agora, tenho que me admirar, a médica disse assim: *“Meus parabéns!”*. Até mesmo a vitamina D, que é difícil nas pessoas terem uma defesa tão boa. Isso tudo é reflexo da alimentação, da natureza que a gente vive. Tu ganha em saúde e a comprovação é a minha saúde, de não ter nada, não tomar um remédio (AF 09).

Em relação à percepção sobre *qualidade de vida*, para cinco dos entrevistados, qualidade de vida se relaciona ao bem-estar social: *“Qualidade de vida é bem-estar, você viver bem, sem tá doente, ter as principais necessidades básicas supridas, isso é qualidade de vida pra mim”* (AF 08). Para dois entrevistados ter qualidade de vida diz respeito a viver em tranquilidade, no meio rural, o que está diretamente ligado à promoção de saúde e redução de estresse, conforme o relato:

Qualidade de vida pra mim é ter tranquilidade, em primeiro lugar. A gente aprendeu a valorizar muito a paz, a saúde. Aquele estresse, a correria de quem trabalha na cidade com venda, bater meta, trabalhar com público é complicado. Mas, produzindo, a gente também lida com pessoas, só que na venda direta do alimento, então, é prazeroso o nosso trabalho (AF 02).

Para uma entrevistada qualidade de vida representa ter autoestima e reconhecimento. Isto é, significa viver bem e ter a sua produção valorizada perante a sociedade: “*É viver bem. Qualidade de vida é tu ter autoestima, tu plantar, colher, ter reconhecimento, valorização*” (Entrevistada AF 01). Para outra entrevistada, qualidade de vida significa ter dignidade e ter acesso aos direitos básicos como cidadã: “*Qualidade de vida para mim é dignidade. É ter um trabalho digno reconhecido, ter saúde, tratamento à saúde de forma digna, ter educação, respeitar as minhas formas de ser, pra mim qualidade de vida é dignidade*” (AF 07).

Conforme Diedrich, Biondo e Bulhões (2021), o bem viver e a agroecologia estão relacionados à qualidade de vida e ao bem-estar e isso pressupõe que as pessoas estejam satisfeitas com seu modo de vida. Para as autoras, a dinâmica da agroecologia possibilita à família a criação de laços de pertencimento ao seu espaço de vida, e, passa-se a se sentir parte da natureza, a partir de uma relação de respeito e não de dominação.

Os questionamentos da **dimensão cultural** se referem ao *fortalecimento dos saberes individuais e locais*. Perguntou-se sobre as influências para a prática da agricultura sustentável. Para quatro entrevistados se relaciona à vocação para a atividade e à qualidade de vida proporcionada. Para três se vincula à educação recebida ao longo do tempo. Para duas, atrela-se aos princípios do Movimento dos Sem Terra (MST), e para uma corresponde à influência familiar.

O grupo dos quatro entrevistados em que a influência se relaciona à vocação para atividade e à qualidade de vida relataram que a prática da agricultura sustentável é uma tendência natural e os frutos da atividade são a saúde e a boa alimentação. Esses aspectos são sinalizados na fala: “*É uma vocação, a gente é motivado em tudo, pela qualidade de vida, por ter um produto de qualidade, tudo sem agredir a natureza*” (AF 06). Para três entrevistados, vincula-se à educação, com o conjunto de conhecimentos recebidos ao longo do tempo, que os estimulou a buscar formas mais sustentáveis de produção e de vida:

Quando tu tem um conhecimento maior, que seria através da educação, tu é mais consciente das coisas, de saber o que te faz bem, então eu acho que a

educação faz parte de todo esse contexto, assim pra ti chegar a um nível de consciência pra discernir certas coisas (AF 09).

Para duas agricultoras, a influência para a prática da agricultura sustentável, atrela-se aos princípios do MST, que preconiza a diversidade produtiva, o autossustento e o sistema de produção agroecológico. *“A influência é o movimento sem-terra, o movimento tem essa visão, de plantar o autossustento, a diversidade, a agroecologia e não a monocultura”* (AF 01). E para uma agricultora: *“É a origem, a família, porque herdei isso da minha família de produzir e guardar sementes. Porque a semente crioula não é tu chegar guardar a semente. Crioula não, crioula vem de anos que tá sendo cultivada na família”* (AF 08).

A valorização dos conhecimentos e cultura ao produzir agroecologicamente, para sete entrevistados, se dá na valorização dos seus conhecimentos e de seus costumes. Para eles, a troca de saberes é algo de suma importância, pois são promovidos encontros e conversas para fomentar esse tipo de interação. Ainda que a produção de hortaliças não seja o costume da região, a sua cultura está sendo valorizada.

A agroecologia é muito linda, mas tem que ter a prática pra ti ver o que é o dia a dia no campo. Inclusive nas conversas com os professores, com os colegas [do curso de agronomia], há muita troca [...]. Na real, hortaliça não é aquela cultura gaúcha, como trabalhar com gado, pecuária. Na verdade, acho que foge um pouco. Claro que meus tios plantavam também pra consumo, mas a atividade de hortaliças, não é uma coisa como atividade tradicional de Livramento e da região, mas eu tenho tido um bom retorno dos consumidores, que conhecem o meu produto e nos procuram (AF 02).

Já para dois entrevistados falta valorização em relação aos seus conhecimentos e cultura. Para um agricultor, a desvalorização se relaciona à ausência de conhecimento da população sobre os benefícios do alimento orgânico e à depreciação da produção por parte de uma fração da sociedade.

Aqui, na nossa cidade, não tem valor pra nada disso, o valor quem dá é quem gosta e que sabe o que é o produto orgânico, mas o resto do pessoal não. Tem um pessoal que a gente fala que é produtor orgânico e dão risada, é uma falta de educação! Por que quem é que pega numa enxada hoje em dia? Tá difícil! Eu planto quase um hectare de mandioca e um hectare de feijão

miúdo, tudo capinando, tudo limpo, eu que limpo e ainda tem um pessoal que não valoriza isso (AF 06).

Conforme Feyh, Lizana e Carvalho (2022), o consumo de alimentos orgânicos se relaciona ao nível de escolaridade dos consumidores. Isto é, quanto maior o nível educacional, maior é a compreensão sobre o processo produtivo e os benefícios do alimento para a saúde humana e o meio ambiente. Por isso, a ausência de conhecimentos e processos educativos sobre a temática, por vezes, tende a ser um obstáculo para a expansão do sistema de produção orgânico, relacionado à falta de valorização do produto, desestimulando os processos de certificação e validação.

Já para a outra agricultora, a carência de valorização de seus conhecimentos e sua cultura se vincula às adversidades vivenciadas por ser mulher, trabalhar sozinha no meio rural, além do machismo estrutural da sociedade em relação a produzir e gerenciar a unidade de produção no sistema agroecológico:

Não é muito valorizado. Quando consigo um ajudante, tento ensinar como é a lida no sistema, a capina, mas tem o preconceito que o homem tem da mulher. Eles não gostam de ser mandados por mulher, gostam de ser mandado por homem. É difícil, porque acabam não fazendo como eu ensinei, é retrabalho, por isso que há anos eu trabalho sozinha (AF 09).

O machismo sistêmico e o patriarcado são realidades no meio rural (Pessôa, 2021). Os processos que estimulam a agroecologia devem levar em consideração a complexidade, haja vista o protagonismo feminino nos processos produtivos. Por outro lado, Breitenbach e Corazza (2020), refletem que o patriarcado nas áreas rurais brasileiras está reduzindo. Embora exista superioridade masculina no meio rural, ela não é mais absoluta e é questionada pelas organizações e pelas próprias mulheres.

Sobre as *relações sociais e troca de saberes com a comunidade*, todos os nove entrevistados destacaram de forma positiva o intercâmbio de conhecimentos e saberes e que esses elementos proporcionam reflexões e melhorias na produção:

Temos uma conversa boa com a comunidade em geral, com troca de saberes, sobre o solo, a região. O pessoal te apoia, toda a troca de conhecimento é fundamental, Na própria venda mesmo, eu conversei com o vizinho da frente que vendia alface, me deu todas as dicas, nos emprestou umas coisas pra começar, então tem esse apoio, essa troca (AF 02).

Com relação ao *reconhecimento da história, tradição e identidade*, os agricultores foram questionados sobre a participação feminina na tomada de decisão, em relação à divisão de tarefas, renda e reconhecimento. Dos nove entrevistados, cinco agricultoras destacaram que historicamente há o machismo no meio rural e o estereótipo de que as mulheres se restringem às atividades do lar e que aos poucos, com muito esforço, a questão vem se modificando e que as tarefas são divididas de modo igual entre os membros da família: *“No meio rural, o machismo é mais forte do que na cidade, a figura do pai, do patriarca da família, que domina e administra o dinheiro da família. Mas, a gente vem lutando pra mudar isso, vejo as mulheres como protagonistas, nós somos!”* (AF 03).

Para três agricultores, a figura feminina é peça-chave na unidade produtiva. Os entrevistados relataram que a renda e as tarefas são divididas com igualdade, inclusive os direitos e deveres, conforme o relato: *“Minha esposa, é meu braço direito pra tudo, dependendo dela. Quando tô fazendo as vendas na cidade, ela que tá cuidando aqui, ela que planta, faz as mudas, então ela que decide muita coisa. A gente divide tudo, renda, afazeres, não tem como ser diferente”* (AF 02). E uma entrevistada relatou que está aprendendo a compartilhar tarefas e decisões ao longo da vida, mas a renda e o reconhecimento são divididos de forma equitativa na unidade produtiva:

Isso é uma coisa que tô aprendendo muito, porque eu tinha uma cultura muito enraizada, da individualidade, que é uma coisa muito forte, aqui na região, principalmente, se tu é mulher. A gente é ensinada que tem que lutar por aquilo que a gente quer. Então, tô aprendendo isso também, tô mudando meu conceito cultural, mas como essa empresa é familiar, é um projeto, um sonho de vida, sempre foi um negócio compartilhado, com as tarefas de cada um bem dividida (AF 07).

De Biase (2007), relembra que a identificação feminina na produção de alimentos é histórica. Desde o surgimento da agricultura, a mulher, provedora de vida, é a representação simbólica da fertilidade da terra e identificação da prática agrícola, capaz de realizar transformações efetivas no modelo agrícola. Barbosa et al. (2022), complementam sobre a importância do processo formativo e educativo para a transformação social, em busca da redistribuição igualitária de afazeres na produção

familiar, dos cuidados familiares e da reprodução da vida, que devem ser, conscientemente, compartilhados em prol do convívio justo e harmônico. A mulher, na condução da produção agroecológica, é capaz de ensinar, aprender e decidir, numa dinâmica horizontal de atribuições. É, portanto, mais democrática e equitativa, diferencia-se do modelo dominante da sociedade, no qual o homem é considerado líder natural, a partir da estrutura hierárquica pré-estabelecida.

No que tange ao *equilíbrio entre a tradição dos costumes e a promoção da inovação*, evidenciou-se nos relatos uma relação harmônica entre a herança cultural e a aquisição de novos conhecimentos, de modo a incrementar novas práticas. Os nove entrevistados mencionaram que participaram de cursos, palestras, seminários e/ou encontros na busca por novos saberes e trocas de conhecimentos:

Tudo a gente vem aprendendo, com o tempo vai se organizando, estudando e a gente tá sempre procurando fazer cursos *on-line*, acompanhando na internet, pra aprender mais sobre orgânicos. Por exemplo, no curso de Permacultura, aprendi a usar a flor cravo-de-defunto, botar ela no canteiro, não porque ela é bonita, mas também porque ela tem uma substância na raiz que é contra fungo. Assim a gente vai aprendendo cada dia uma coisa nova (AF 04).

Na **dimensão ecológica**, destaca-se a *preservação do capital natural na produção*, foi evidenciada a preocupação dos agricultores com a redução do volume de resíduos e com a poluição gerada através da produção. Todos os entrevistados utilizam o resíduo orgânico como adubação nas culturas produzidas, visando à fertilidade do solo, além de promover componentes importantes para o desenvolvimento dos cultivos e maior disponibilidade de nutrientes: “*O nosso lixo orgânico é todo reutilizado, vai pra composteira, da composteira as minhocas fazem o trabalho delas e vira adubo pras hortas, todo o processo muito natural e saudável*” (AF 08).

Cinco participantes da pesquisa transportam o lixo seco produzido para o centro do município, onde são depositados em lixeiras para a coleta do resíduo, pela empresa responsável pelo serviço. “*Eu deixo acumular o lixo seco e de quinze em quinze dias, levo pra cidade pra descartar na lixeira. Essa coisa do plástico me*

incomoda, chego num lugar pra comprar e já digo, não precisa sacola, não quero mais lixo” (AF 05).

Três entrevistadas reciclam o lixo, reaproveitando plásticos, vidros e caixas de papelão, ações que além de evitar a poluição, gera economia e reduz as emissões de gases de efeito estufa responsáveis pelas mudanças climáticas: *“Tudo que é reciclável a gente faz, o plástico, a garrafa pet a gente reutiliza. As sacolas plásticas, se der pra reutilizar, a gente reutiliza, garrafa, vidro. O cartão botamos no meio dos canteiros das hortas pra divisão, gente busca o melhor destino pra tudo” (AF 02).* E três entrevistados relataram se preocupar com a preservação da mata nativa, de modo a manter a natureza intocável, como também com os processos de florestamento e reflorestamento do meio ambiente em torno da atividade produtiva:

Na volta tem muita mata nativa e eu fiz uma promessa pra Deus. Quando eu não tinha nada, eu dizia assim: o dia que eu tiver um sítio vou encher de árvore, de tudo que é qualidade, pra encher de passarinho. Hoje eles me dão prejuízo nas frutas [risos], mas não posso reclamar, de manhã cedo é o sabiá cantando e eu adoro. Todas as qualidades de pássaro que tu imaginar vem aqui (AF 06).

O fator preservação ambiental tem sido destaque como função da agricultura familiar no sistema agroecológico de produção, mediante uma íntima relação com os recursos naturais, promoção da sustentabilidade ecológica e convívio harmonioso com a natureza (Souza, 2020). A consciência ambiental dos agricultores em relação à conservação das matas nativas, nascentes e rios solo e paisagem natural.

No tocante à *adição de agrotóxicos e insumos externos na agricultura*, revelou-se que, efetivamente, os agricultores familiares agroecológicos do município, não utilizam nenhum tipo de agroquímico. Os nove entrevistados mantêm a fertilidade do solo e a produtividade dos sistemas, com a utilização de adubação orgânica, calcário, rotação de culturas, caldas e inseticidas naturais, como pode ser visualizado no relato: *“Na horta fiz um canteiro, se eu produzi alface hoje, amanhã não vai ser alface, vai ser outra variedade. A gente usa o nabo forrageiro, que ajuda a oxigenar o sol, o calcário quando precisa, a gente busca usar a calda bordalesa tudo que é natural” (AF 03).*

A produção familiar agroecológica é uma alternativa que visa satisfazer as necessidades da vida humana sem agredir ao meio ambiente no presente, ao conservar os recursos naturais para garantir o futuro do agroecossistema. Em função das práticas adotadas, a produção sustentável de alimentos, além de proporcionar comida saudável, preserva a diversidade biológica, a reciclagem de resíduos orgânicos e a utilização responsável do solo (Sardinha, 2022).

Acerca da *manutenção e conservação dos ecossistemas e da biodiversidade*, cinco dos nove entrevistados relacionaram as ações ecológicas realizadas na unidade de produção à redução do plástico, priorizando alternativas reutilizáveis, como caixas de madeira, papelão, cestas para a comercialização, de modo a reduzir os resíduos gerados e a poluição ao meio ambiente:

Plástico, zero, tudo que nós puder entregar em papel a gente entrega. Usamos o *craft*, um tipo de papel, sempre pensando em diminuir o lixo. Tem clientes que já tem saquinho ou sacola retornável, ou caixa. Sendo muita coisa, temos uma cestinha, pra levar os produtos nela e trazemos de volta. A gente tá sempre pesquisando coisas que sejam biodegradáveis, agora a gente vai começar a usar sacolas compostáveis, elas são feitas de amido de milho e mandioca. Aí tu enterra elas e em um mês ela vira adubo [...] boa parte dos clientes evitam o plástico, tem gente que pede pra não levar a comanda, pra não ter mais papel pra botar fora (AF 04).

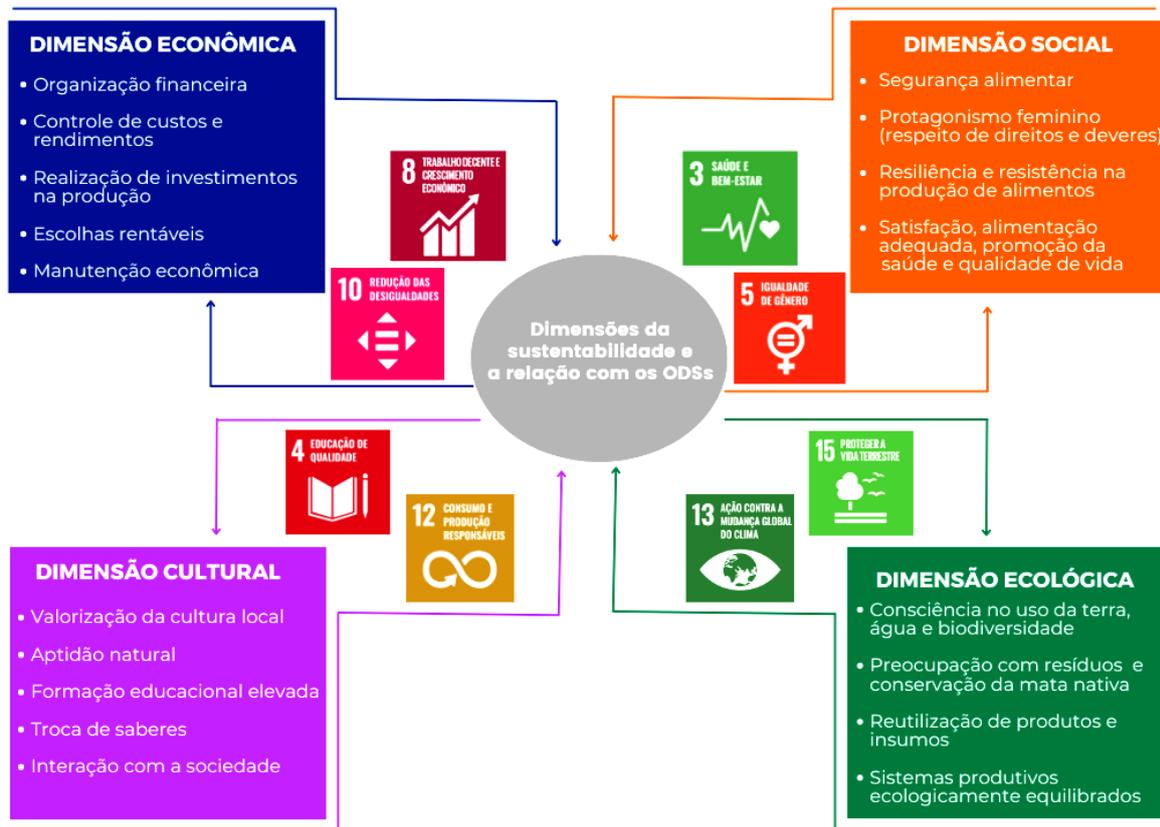
Já quatro entrevistados vincularam as ações ecológicas ao reaproveitamento das águas, à reciclagem de resíduos, transformando-os em produtos a serem utilizados na unidade produtiva e preservação da floresta natural. A fala da entrevista destaca esses elementos:

Tudo que a gente faz aqui é ecológico. A questão da floresta, a gente não derruba, a gente faz o manejo ecológico pra poder manter e tentar não perder esse pequeno pedaço de floresta que temos. O recolhimento de água da chuva, sempre tem balde d'água por aí, pra recolher. Destinamos a água da máquina de lavar roupa ou dos tanques direto pras plantas, a água de cozimento de verduras serve como adubo e pra manutenção dos jardins, casca de produtos como nozes, descascamos e vai direto pro jardim pra fazer forragem natural. Óleo usado não vai para a natureza, eu reciclo, faço sabão, o que eu puder reciclar, que está nas minhas mãos, eu faço (AF 07).

Assim, pode-se verificar que a produção agroecológica, no município, mesmo em meio à produção de *commodities*, com acesso limitado a crédito, com dificuldades

para acessar o perímetro urbano e escoar a produção, em função das precárias condições de infraestrutura tem resistido e reproduzido econômica, social, cultural e ecologicamente. Outrossim, os resultados da pesquisa permitem relacionar que a sustentabilidade promovida pelos agricultores familiares agroecológicos, para além do ODS-2 (promover a agricultura sustentável), dialogam com os seguintes ODSs, a saber: 3 - garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos; 4 -assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem; 5 - alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas; 8 - propiciar o trabalho decente e o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável; 10 - promover a inclusão social e reduzir as desigualdades; 12 - alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais); 13 - ação contra a mudança global do clima; e 15 - proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, deter a degradação e a perda de biodiversidade), como esquematizado na Figura 02.

Figura 02- A sustentabilidade da agricultura familiar agroecológica de Santana do Livramento/RS e a promoção dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Autores (2024).

Os agricultores familiares agroecológicos contribuem para potencializar a sustentabilidade na agricultura e no sistema agroalimentar ao fornecer alimentos sustentáveis por meio de práticas que atendam a agrobiodiversidade. Devido a isso, políticas públicas eficazes e linhas de créditos específicas para a categoria social são essenciais para apoiá-los e fomentar a reprodução socioeconômica em oposição ao modelo hegemônico de produção agrícola.

Considerações Finais

A pesquisa visou analisar a sustentabilidade na agricultura familiar agroecológica de Santana do Livramento. Em relação à dimensão econômica, evidenciou-se que os agricultores familiares são organizados financeiramente, controlam seus custos e rendimentos, bem como conseguem realizar investimentos

na produção, de acordo com as suas realidades e necessidades. Os atores sociais são pragmáticos ao fazerem escolhas rentáveis para a administração e manutenção da unidade de produção, mesmo diante de um cenário adverso de poucos recursos, políticas e incentivos financeiros.

A característica de promoção da segurança alimentar da família e dos consumidores, está presente entre os agricultores familiares agroecológicos, na dimensão social. Os entrevistados mantêm o fluxo de produção garantindo a entrega contínua de alimentos com elevado valor nutritivo, respeitando a sazonalidade e as características da região. Há diversidade na oferta e a precificação é feita de forma acessível. Além disso, destaca-se o protagonismo feminino na produção agroecológica. As mulheres são as responsáveis pela produção e gerenciamento dos negócios, revelando-se que direitos e deveres dos envolvidos são respeitados.

Outro importante atributo é a capacidade de resiliência e resistência dos entrevistados em produzir alimentos sustentáveis em meio a um cenário hostil e apesar das dificuldades sociais e estruturais. Os agricultores familiares agroecológicos demonstram satisfação em relação às necessidades pessoais, representada pela alimentação saudável, promoção da saúde e qualidade de vida, contentamento com a condução da produção e com a vida que levam.

Na dimensão cultural, as influências para produzir no sistema agroecológico, relacionam-se à aptidão natural para a prática da agricultura sustentável, como também à formação educacional e ao ambiente, seja do movimento social que integram ou do núcleo familiar. Os participantes demonstraram que seus conhecimentos são valorizados por meio da troca de saberes e interação social. Contudo, identificou-se, nos relatos, certa barreira cultural, em relação à produção, aos alimentos orgânicos e à figura feminina como chefe da unidade de produção.

Sobre a participação feminina na tomada de decisão, apesar de ser frequente nos discursos a alusão ao machismo no meio rural, as entrevistadas apontaram que o cenário vem se modificando ao longo do tempo, com a divisão de tarefas, renda e reconhecimento. Ainda, observa-se a educação como um elemento cultural importante para a produção agroecológica, bem como um fator de equilíbrio entre os novos aprendizados adquiridos e o saber-fazer culturalmente estabelecido.

Por fim, na dimensão ecológica, os participantes demonstraram ter consciência ambiental ao promover ações visando à sustentabilidade da unidade de produção. Evidenciou-se a preocupação com os resíduos gerados e a sua destinação, bem como a preservação da mata nativa. Os recursos hídricos ganham atenção, através do cuidado para evitar desperdícios. A prática da reutilização de produtos e insumos tem papel de destaque entre os entrevistados. Em suma, constatou-se que os agricultores familiares agroecológicos possuem sistemas produtivos ecologicamente equilibrados e adotam práticas de manejo que cuidam da terra, água e biodiversidade.

A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou explorar a temática da produção agroecológica e a sustentabilidade de unidades de produção agrícolas familiares sem a representação estatística. Assim, almeja-se em futuras pesquisas analisar a dinâmica de produção e reprodução de unidades familiares agroecológicas em todo o território Pampa Gaúcho, esse que vem se modificando em função da expansão da produção de *commodities* agrícolas, como a soja, financiada, em boa medida, pelo crédito rural subsidiado para agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

AMARAL, L. de S. et al. Redes agroalimentares alternativas: um olhar sobre a central de comercialização da agricultura familiar e economia solidária no Rio Grande do Norte (CECAFES). **Revista Inter-Legere**, Natal, v. 4, n. 30, 2021.

BARBOSA, L. O. et al. Liderança feminina em contexto de economia solidária – o caso da feira agroecológica e cultural de mulheres no Butantã. **Conjecturas**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 613-636, 2022.

BARDIN, L. 2011. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BELING, H. M.; CANCELIER, J. W.; FLORES, C. R. Transformações no espaço rural gaúcho: um olhar para o Pampa Gaúcho. **GeoTextos**, Salvador, 2022.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Jovens rurais do Rio Grande do Sul/Brasil: questões de gênero na sucessão geracional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 16, n. 3, p. 413-428, 2020.

COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no Mercosul**. Santa Maria: UFSM, 2003.

DE BIASE, L. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. **Agrária**, São Paulo, n. 7, p. 4-36, 2007.

DIEDRICH, G. E.; BIONDO, E.; BULHÕES, F. M. Agroecologia e Bem Viver como modo de vida e como modelo sustentável de produção agrícola e de consumo de alimentos. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, v. 18, n. 3, p. 230-255, 2021.

FEE. Fundação de Economia e Estatística. 2018. **Resumo estatístico**. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Santana+do+Livramento>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FEYH, M. H.; LIZANA, G. R. S.; CARVALHO, R. L. da S. Perfil do consumidor de produtos orgânicos e agroecológicos e sua relação com o consumo sustentável. **Revista Craibeiras de Agroecologia**, Santana do Ipanema, v. 7, n. 1, p. e13526-e13526, 2022.

FERNANDES, C. V. dos R. et al. Narrativas de agricultores familiares: dificuldades e motivações no sistema agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Curitiba, v. 16, n. 4, p. 305-319, 2021.

FERRON, J. da L.; TROIAN, A. O processo de implantação dos assentamentos rurais em Santana do Livramento (RS). **Revista Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, RS, v. 32, 2020.

FERRON, J. da L.; TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Agricultura Familiar e Reprodução Social: Estratégias dos Assentados de Santana do Livramento/RS. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 19, n. 57, 2021.

FONSECA, M. H. da. **Gestão de custos na agricultura familiar na cidade de Ponta Grossa**. 84 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.17-27, 2008.

HELENIUS, J.; WEZEL, A.; FRANCIS, C. A. The Science of Agroecology. **Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science**. Reino Unido, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199389414.013.297>

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A. A produção de novidades da agricultura familiar: O protagonismo dos sistemas orgânicos e agroecológicos no desenvolvimento sustentável. **Desafio Online**, Campo Grande, v.10, n.3, 2022.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Inovação e sustentabilidade: As práticas da agricultura familiar agroecológica em Santana do Livramento/RS. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 32, n. 60, p. 01-23, 2023.

MAPBIOMAS. Observatório do Clima. **Desmatamento nos Biomas do Brasil cresceu 22,3% em 2022**. 2023. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2023/06/12/desmatamento-nos-biomas-do-brasil-cresceu-223-em-2022/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MAPA. Ministério da Agricultura e Pecuária. 2023. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em: 09 abr. 2024.

PASQUALOTTO, N.; KAUFMANN, M. P.; WIZNIEWSKY, J. G. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável**. [Recurso eletrônico]. Santa Maria: UFSM/NTE, 2019, 115 p.

PESSÔA, J. R. **Gênero e educação**: a formação educacional para a igualdade de Gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

PLOEG, J. D. van der. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 3-14, 2014.

POZZEBON, L.; RAMBO, A. G.; GAZOLLA, M. As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 16, n.42, p. 405-441, 2018.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SARDINHA, M. P. R. **Caracterização da produção agroecológica e orgânica de Nova Venécia/ES**. 102f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Programa de Pós-Graduação em Agroecologia. Instituto Federal do Espírito Santo, Alegre, 2022.

SCAPIN, B. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**: o processo de (des) territorialização da agricultura de Nova Palma e Pinhal Grande/RS. 180 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2021.

SCHNEIDER, A. L. et al. Análise da funcionalidade do PRONAF Agroecologia em uma propriedade na região noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável**, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 164-174, 2020.

SILIPRANDI, E. C. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, M. N.; SACCO DOS ANJOS, F. A expansão da soja no município de Jaguarão/RS: análise das percepções através da abordagem narrativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 58, n. 3, e213748, 2020.

SOUZA, A. M. de. **Efeito das práticas agroecológicas sobre a conservação de águas nas bacias hidrográficas do Alto Iguaçu e afluentes do Ribeira**. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas, Campinas**, v. 22, n. 44, p. 201-218, 2014.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.42-61, 2003.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Mitali Daian Alves Maciel - Concepção. Coleta de dados primários. Análise de dados. Elaboração do manuscrito. Redação. Discussão dos resultados e revisão da versão final do trabalho.

Alessandra Troian – Análise de dados. Elaboração do manuscrito. Redação e discussão de resultados e revisão da versão final do trabalho.

Joélio Farias Maia – Análise de dados. Elaboração do manuscrito. Redação e discussão de resultados e revisão da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Programa de Auxílio da Pós-Graduação da Universidade Federal do Pampa (PAPG-UNIPAMPA).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa

Protocolo CAAE 50839221.2.0000.5323

Número do Parecer: 5.552.820

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 10-05-2024

Aprovado em: 25-08-2024